

#28 | FEVEREIRO | 2012

# BETAR & ARTES LETRAS

## Cinemas do Mundo

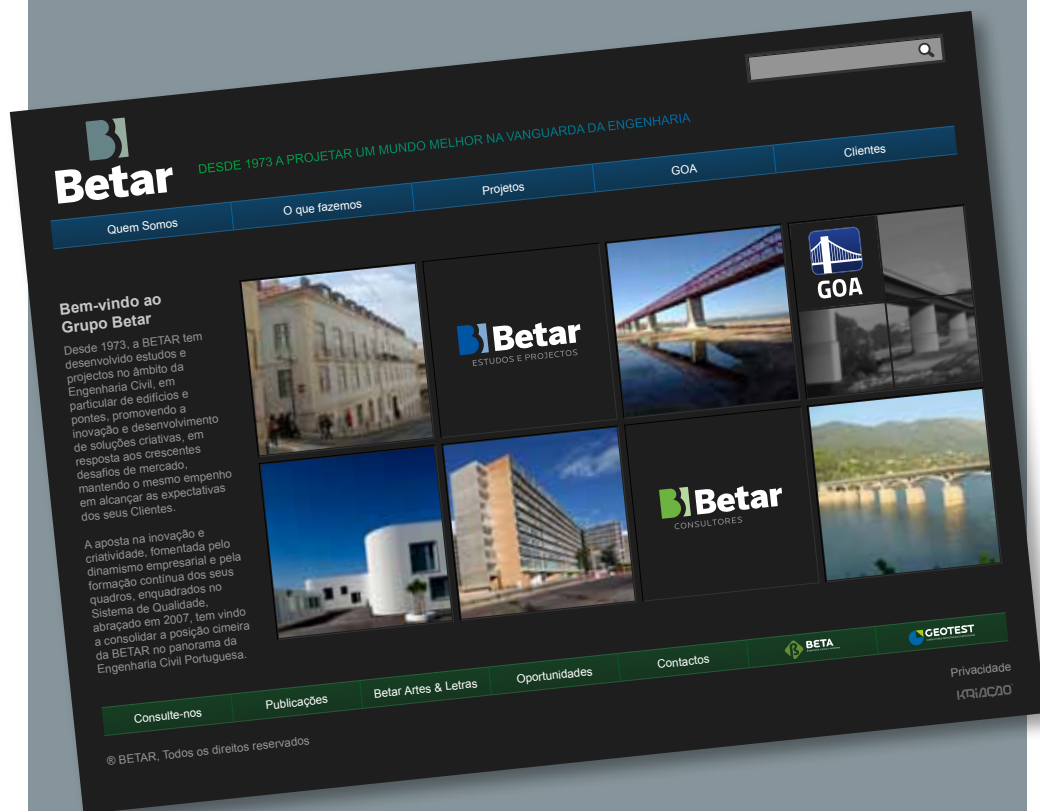
*Um ciclo de dez filmes, todos eles premiados.  
No Instituto Francês de Portugal*

**B**  
Betar

**ENTREVISTA**  
ARÓS. REBELO  
DE ANDRADE E  
GARCIA SIMÕES

*Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.*

# A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



[www.betar.pt](http://www.betar.pt)

## FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR  
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa  
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça  
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça  
REDATORA: Cátia Teixeira  
DESIGN: Jonas Reker  
CONTACTO: [arteseletras@betar.pt](mailto:arteseletras@betar.pt)



Em Fevereiro as propostas culturais continuam a chamar-nos. Um evento que merece a nossa atenção é o Ciclo Cinemas do Mundo, no Instituto Francês de Portugal, onde rodam alguns dos melhores filmes de co-produção francesa dos últimos 15 anos. Espreite a nossa página de cinema.

Na música, destaque para os Simple Minds ou para a portuguesa Sara Tavares, que devem recheiar de público o Coliseu dos Recreios e o CCB, respetivamente. Já no Centro de Artes Manuel Brito expõem-se nomes como Eduardo Nery, Graça Morais, Joana Vasconcelos e Lourdes Castro, e no Museu Nacional de Arte Antiga há uma mostra de escultura espanhola.

Nas salas de teatro sobem ao palco as peças “Sangue”, “Édipo”, “O Cerco a Leninegrado” e “Rumor”, todas elas excelentes opções para um serão cultural. E na secção Lá fora, temos o prazer de anunciar uma exposição de Paula Rego em Paris e – deliciem-se os amantes de Chagall – parte da obra do artista russo está em Madrid, até Maio.

Quanto à entrevista, este mês não conversámos com um, mas com dois arquitetos. São eles o Arq. Tomás Rebelo de Andrade e o Arq. Jorge Garcia Simões, dois nomes da arquitetura nacional com quem temos realizado vários projetos. À Artes&Letras falaram do fascínio pela profissão, dos métodos de trabalho, e das dificuldades com que se deparam no dia a dia.

*‘A palavra complicar não faz parte do nosso léxico porque queremos que aquilo que fazemos seja perceptível e que se deixe ler’*

Conversámos com o **Arq. Tomás Rebelo de Andrade** e o **Arq. Jorge Garcia Simões**.  
Por Cátia Teixeira



Campo de Futebol, Alta de Lisboa



Renault de Telheiras

**O que é que os fascina mais na vossa profissão?**

Essa pergunta é fácil de responder porque a arquitetura é fascinante desde o banco do jardim e do quiosque das flores, à escola ou ao hotel. Tudo isso é possível fazer bem em arquitetura. E o que é fascinante na profissão é isso, é que qualquer objeto se pode tornar utilizável ou vivível. É muito gratificante porque é uma profissão onde vemos obra feita. E nós temos tido a sorte de conseguir traduzir em obra muitos dos nossos projetos. Outra coisa fantástica é o reconhecimento das pessoas. Há uns tempos, recebi um e-mail de um amigo a agradecer o prazer de estar a viver numa casa que eu projetei. Esse reconhecimento das pessoas que vivem naquilo que inicialmente foi um desenho nosso é muito gratificante e felizmente já tivemos alguns.

**Li, a respeito do vosso atelier, que rejeitam a palavra “complicar”. Como é que adjetivam o vosso trabalho?**

Nós trabalhamos numa base de simplificação

dos procedimentos e na simplificação do projeto e da própria obra. Hoje em dia não há espaço para obras complicadas. Já fizemos algumas, no início, mas atualmente não há espaço para se fazer obras de difícil execução, não há dinheiro, nem mercado, nem tempo para isso. Há que simplificar em tudo. Baseamo-nos na standardização e na normalização das soluções. Muitas vezes aparece-nos um programa complicado e nós tentamos descomplicar, desmistificar, torná-lo mais simples. De facto a palavra complicar não faz parte do nosso léxico porque queremos que aquilo que fazemos seja perceptível e que se deixe ler. E depois, temos também de nos colocar no nosso lugar, não temos, muitas vezes, a capacidade de ir tão a fundo, não estamos apetrechados para isso, nem a conjuntura nos permite. Adaptámo-nos aos nossos clientes e aos desafios que temos.

**Que tipo de propostas mais vos cativam?**

Estivemos, há pouco tempo, a fazer um projeto que mexe com as pessoas, que está muito

ligado à vivência das pessoas, ao aspeto social da arquitetura, e esse é um desafio muito interessante. Estamos a falar de um centro paroquial, uma igreja, um centro social. Essa vertente da arquitetura é muito importante e é um desafio muito grande. A habitação também é uma coisa que mexe muito com as pessoas, mas a questão social ainda mais. Nos tempos que correm, as pessoas esquecem-se das regalias sociais. Atravessamos um período difícil mas temos de continuar a fazer coisas. A ação social, neste contexto, é dos maiores desafios. Se me perguntasse o que é que eu gostava de fazer, eu diria uma escola, um liceu, uma faculdade.

**Gostam de seguir processos ou mudar muito a cada desafio?**

Nós temos coisas muito díspares, o que tem a ver com a fase em que foram feitas. A década de 90 foi experimental, trabalhávamos muito para o ramo automóvel e aí as coisas eram standardizadas, mas em tudo o que estava fora deste ramo fazíamos experiências.





Jardim das Laranjeiras

O nosso maior desafio terá sido um condomínio na Alta de Lisboa, com cerca de 350 apartamentos, onde utilizámos alguns sistemas construtivos pouco usuais em Portugal. O que resultou melhor foi a racionalização do projeto, foram os sistemas construtivos que minoraram os custos e garantiram a rapidez e a eficiência da execução da obra. Neste momento temos uma linha muito mais definida, temos uma arquitetura muito mais nossa, temos processos mais concretizados, mais esquematizados, e que nos permitem enfrentar os desafios com maior segurança. Criámos uma imagem.

**É mais difícil ou mais fácil ser arquiteto hoje em dia?**

É cada vez mais fácil ser arquiteto mas é muito mais difícil fazer arquitetura hoje em dia. Há falta de meios, nomeadamente financeiros; há falta de tempo, os clientes são mais exigentes, dão-nos prazos apertadíssimos; as decisões tomam-se de dia para dia, estamos a fazer um projeto que de repente pára e depois arranca com outras premissas. É difícil. Os contratos a que somos obrigados são duros, a globalização faz com que as empresas estrangeiras, que estão cá a investir, apliquem critérios muito diferentes, o que faz com que, de repente, passemos de um sistema que é nosso, para um outro que nos obriga a reestruturar tudo. Para não falar da legislação que está cada vez mais restritiva e é contraditória em muitas coisas. Por exemplo, uma coisa que é quase uma contradição: há enormes exigências acústicas e enormes exigências térmicas. A térmica faz barulho e a acústica não deixa que a térmica cumpra os seus objetivos. Então a térmica tem de entrar com mais equipamento para insonorizar, o que fica mais caro e entra tudo em conflito.

**Construíram uma casa para vocês próprios?**

Arq. Jorge: Não. Eu projetei mas nunca cheguei a construir. Tenho o projeto da minha casa, porque o papel não custa quase nada, agora falta-me dinheiro para a fazer. Tenho uma espécie de ruína no Alentejo, que estou há imenso tempo para recuperar, sei perfeitamente como o quero fazer, mas como não invisto na bolsa, não tenho meios para isso.

Arq. Tomás: Já eu tenho um terreno para o qual fiz alguns 30 projetos. Não construí porque não sou capaz, é muito difícil fazer uma casa para mim. Nós temos imensos caminhos a seguir, porquê seguir um e não outro? Eu decido ir por um caminho, mas depois chego a meio e penso que se tivesse ido pelo outro ficava melhor. Então guardo esse projeto e vou para o outro. Conheço muitos arquitetos a quem acontece o mesmo. E mais, cada risco que se faz tem um custo associado. Eu faço um risco e penso: “Não, para isto já não tenho dinheiro” e apago. Se tivesse uma pré-existência saberia o que fazer, mas fazer a partir do zero não consigo. O meu sentido crítico é muito maior quando é para mim e como cada risco tem um preço, chego a um limite e penso: “Vou ter de encolher. Mas não dá para encolher. Então tenho de mudar alguma coisa. Mas assim já não é o que eu quero”, e acabo por guardar na gaveta.

O mundo animal tem sido sobejamente representado na arte. O Centro de Arte Manuel Brito apresenta agora uma coleção onde mais de 30 artistas pintaram estes seres vivos

CENTRO DE ARTE MANUEL DE BRITO

**Arca de Noé**

Até 12 de Fevereiro

A representação do mundo animal tem sido uma constante desde os primórdios da humanidade. As primeiras manifestações artísticas que conhecemos são representações de animais, desenhadas no interior de cavernas, pelos homens pré-históricos. Ao longo dos anos há representações animais nos interiores e fachadas de igrejas e catedrais, em tapeçarias, em pinturas e esculturas. Nenhum artista fica indiferente às cores de um pavão, à elegância de um cisne, ao corpo esbelto de um felino, ao olhar terno de um cão ou à postura de um cavalo. Esta exposição mostra desenhos, pinturas, esculturas e objetos em que o mundo animal é utilizado e pensado pelos artistas. Conheça-o pela mão de mais de 30 talentos da arte, entre os quais destacamos: Alex Flemming, António Areal, Augusto Gomes, David de Almeida, Eduardo Nery, Graça Morais, Joana Vasconcelos, Lourdes Castro, Menez e Paula Rego.



MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

**Corpos de dor: A Imagem do Sagrado na Escultura Espanhola (1500-1750)**

Até 25 de Março

Abarcando os séculos áureos da escultura espanhola (1500-1750), esta exposição do Museu Nacional de Arte Antiga apresenta mais de três dezenas de esculturas de mestres espanhóis, da Idade Média ao Barroco. A seleção patente em Lisboa foi feita a partir das coleções do Museu Nacional de Escultura de Valladolid, em Espanha, conhecido como o “Prado da Escultura”, numa referência ao famoso Museu do Prado, em Madrid. O tema é o sagrado. Ascetas, mártires, virgens e cristos crucificados surgem pelas mãos de mestres espanhóis como Berruguete, Juan de Juni, Pompeo Leoni, Gregorio Fernández, Alonso Cano, Pedro de Mena, Pedro de Sierra ou Salzillo. Uma exposição inquietante, capaz de provocar no visitante uma impressão que ultrapassa as fronteiras da estética, todavia inquestionável, numa importante chamada de atenção para a relevância do acervo do referido museu espanhol.

Este mês há mais duas estreias fantásticas. A crítica aprovou. José Mendonça sugere. Basta escolher de acordo com as suas preferências: comédia ou drama

NO GRANDE ECRÃ

### Apollonide

## A sensação do Festival de Cannes



Título original: Apollonide  
De: Bertrand Bonello  
Com: Adele Haenel, Céline Sallette, Hafsia Herzi e Jasmine Trinca  
Género: Drama  
Classificação: M/12  
França, 2011, 122min

Estamos no início do século XX, num bordel parisiense de nome Apollonide. Visto de fora é um mundo quase secreto, dentro das suas paredes nada se sabe sobre o mundo exterior. É este o contexto que o espectador encontra. Vemos uma das prostitutas a ser violentamente agredida por um cliente. No rosto fica uma marca profunda. Já não há sensualidade. À volta dela, as outras raparigas vivem os seus segredos e medos, as suas tristezas e alegrias. E nós percebemos o mecanismo deste mundo fechado sobre si, onde todos os dias são iguais. Percebemos que aquelas mulheres estão ali, presas no tempo. São prisioneiras numa casa de luxos, são reféns da rivalidade, vivem uma esperança enganada. Apollonide não é um drama erótico. Apesar de estar repleto de mulheres sensuais e cenas de sexo desprende-se da ideia de erotismo. A separar o prazer da crueldade, está uma linha muito ténue.

### Os Descendentes

## Um drama familiar



Título original: The Descendants  
De: Alexander Payne  
Com: George Clooney, Amara Miller e Shailene Woodley  
Género: Comédia  
Classificação: M/12  
EUA, 2011, 115min  
Sala: UCI

Baseado no romance com o mesmo nome, este filme conta a história de um pai rico que tenta reaproximar-se das duas filhas depois da mãe ter sofrido um acidente de barco e se encontrar inconsciente, presa à vida por uma máquina. É neste momento que o homem descobre que a mulher mantinha uma relação extraconjugal com alguém das suas relações. Quando a mulher entra em estado vegetativo e é dada como irrecuperável pelos médicos, a decisão de desligar a máquina choca as filhas, mas as evidências levam-nas a aceitar a decisão médica. Nesta fase, o pai já tinha feito várias tentativas para descobrir quem era o amante da mulher. Quando o encontra, fica a saber que foi ela a principal causadora do drama. Um filme interessante com um ator que se vem afirmando recentemente, depois de um período de anúncios publicitários a uma máquina de café.



ciclo

## Cinemas do Mundo

Um ciclo de 10 filmes, todos eles premiados pela originalidade dos seus olhares, pela força dos temas abordados ou pela qualidade da sua realização. Da Tunísia à Roménia, passando pela Albânia, Egito ou Chade, vá descobrir alguns dos melhores filmes de co-produção francesa destes últimos 15 anos, no Ciclo Cinemas do Mundo, que decorre no IFP, até ao fim deste mês. Estão todos legendados em português e a entrada é livre. Dia 6 pode assistir à película tunisina “Satin Rouge”, de Raja Amari; dia 9 é a vez do argelino “Indigènes”, de Rachid

Bouchareb; dia 13 roda o filme romeno “Transylvania”, de Tony Gatlif; dia 16 passa no ecrã a produção do Chade “Daratt”, de Mahamat-Saleh Haroun; dia 20 pode ver um filme do Egito chamado “Le chaos”, de Khaled Youssef e Youssef Chahine; dia 23 pode assistir ao albanês “Le silence de Lorna”, de Luc Dardenne e Jean-Pierre Dardenne e dia 27 o ciclo encerra com um novo filme do Chade “Un homme que crie”, de Mahamat-Saleh Haroun. A Artes&Letras recomenda.

No Instituto Francês de Portugal, até 27 de Fevereiro

Está cansado de ficar em casa todas as noites? A Artes&Letras apresenta-lhe propostas musicais para ocupar os tempos livres. Saia da rotina. Vá a um concerto ou a um bailado



### Natacha Atlas

Gulbenkian, dia 26, às 19h

CONCERTO

Foi enquanto vocalista do grupo Transglobal Underground que Natacha Atlas saiu do anonimato. Em 1995 lançou o seu primeiro disco a solo, “Diaspora”, um clássico instantâneo da world music. Belga de nascimento, cresceu em Marrocos e diz-se “uma faixa de Gaza humana”. Todas estas geografias, assim como o universo pop, inundam a sua música e tornam-na excepcionalmente rica.



### Simple Minds

Coliseu dos Recreios, dia 14, às 21h

CONCERTO

Os escoceses Simple Minds escolheram Lisboa para o arranque da digressão europeia em que apresentam o espectáculo “5X5”, que incide sobre os primeiros anos da banda. A ideia é interpretar, ao longo de pelo menos duas horas e meia de concerto, cinco temas de cada um dos cinco primeiros álbuns. É o alinhamento por que muitos fãs têm esperado. Finalmente a oportunidade chegou.



### Sara Tavares

CCB, dia 23, às 21h

CONCERTO

Sara Tavares tem uma das vozes mais acarinhadas pelo público e pela crítica e é um dos mais relevantes casos de sucesso e de internacionalização. Com uma carreira de 17 anos, tem explorado o gospel, a soul e a música de Cabo Verde. “Xinti”, o seu mais recente disco, teve edição internacional na prestigiada World Connection e recebeu os mais rasgados elogios da imprensa estrangeira.



### You never know how things are going to come together

Teatro Maria Matos, de 3 a 11, às 21h30

DANÇA

Esta é a segunda peça de André Mesquita inspirada no livro de David Brooks, “O Animal Social”, que desvenda novas perspectivas sobre o inconsciente, o lugar onde o carácter é formado. Para André Mesquita, o que é inspirador nas teorias de Brooks é a confiança na intuição e na emoção. Como na vida, também na criação coreográfica nunca se sabe como os elementos irão alinhar-se. A não perder!



## Concertos e óperas em fevereiro

por António Cabral

### FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

7/2, às 21h (Grande Auditório)

Andreas Scholl é, para mim, o maior dos contratenores. Vem mais uma vez a Portugal, agora com a Kammerorchester de Basel e a maestrina Julia Schroder. O programa é todo ele Johann Sebastian Bach. Aconselho a não perder.

9/2, às 21h, e 10/2, às 19h (Grande Auditório)

Outro grande intérprete de Bach, o cravista e maestro holandês Ton Koopman, dirige a Orquestra Gulbenkian e o baixo Klaus Mertens. No programa J.S.Bach, G.P.Telemann e W.A.Mozart.

11/2, às 17h (Grande Auditório)

Como não há ópera no São Carlos contente-se, e muito bem, com a transmissão do MET de New-York (legendas em inglês). Trata-se do “Crepúsculo dos Deuses”, última jornada da tetralogia “O Anel dos Nibelungos” de Richard Wagner. Os intérpretes são do melhor: o maestro James Levine e cantores como Deborah Voigt, Waltraud Meyer, Wendy Bryn Harmer...

12/2, às 19h (Grande Auditório)

A escola de piano russa é historicamente, não digo inultrapassável, mas quase. Volta a Portugal um dos seus mais conhecidos representantes: Evgeny Kissin. No programa Beethoven (sonata “Ao Luar”), Samuel Barber (sonata) e Chopin (Sonata nº 3).

16/2, às 21h e 17/2, às 19h (Grande Auditório)

Orquestra Gulbenkian e a maestrina cantora Barbara Hannigan. O programa, para além de Rossini e Mozart, é tentador para quem aprecia a música do sec. XX: Ligetti, Nono, Stavinsky e Chostakovitch.



Andreas Scholl

### CENTRO CULTURAL DE BELÉM

12/2, às 11h30 (Grande Auditório)

Concerto para filhos, pais e avós. Orquestra Metropolitana de Lisboa; Dir. Pedro Neves. No programa: “Pedro e o Lobo” de Prokofiev e, em primeira audição, “O Veado Florido” com texto de António Torrado e música de Sérgio Azevedo.

17/2 e 18/2, às 21h (Pequeno Auditório)

O ensemble Divino Sospito, solistas e Dir. de Enrico Onofri apresentam a oratória “A Morte de Abel” (estrela moderna mundial) do compositor português Pedro António Avondano (1714-1782).

25/2, às 21h (Pequeno Auditório)

O ensemble Sete Lágrimas interpreta a “Missa de Pentecostes” de João Madureira (1971) e “Cantigas de Martin Codax” (Sec. XXIII e início do Sec. XIV).

### TEATRO NACIONAL SÃO CARLOS

O TNSC não tem ópera em Fevereiro, mas tem muita atividade de concertos, muitos deles, os do Foyer, são gratuitos. Consultar para este efeito: [www.saocarlos.pt](http://www.saocarlos.pt). Na Sala de ópera aconselho os três concertos da Orquestra Sinfónica Portuguesa, dias 4/2, 11/2 e 18/2, pelas 21h, com um programa de William Walton (1982-1983) - concertos de violino, viola e violoncelo - e os românticos R.Wagner e A. Dvorak.

Eunice Muñoz comemora 70 anos de carreira e presta uma homenagem a todos os profissionais do teatro. Não há melhor mote para ir assistir a uma peça. Aqui ficam quatro hipóteses



## O Cerco a Leninegrado

No momento preciso em que começa a deteriorar-se a utopia europeia, este texto espelha a nossa história numa viagem entre um passado já distante e as reflexões que produz nas nossas vidas quotidianas. A mais importante obra de José Sinisterra, que foi representada com êxito, um pouco por todo o mundo, é uma divertida comédia que conta a história de duas mulheres que vivem encerradas num velho teatro da cidade e lutam contra a sua anunciada demolição. Uma obra em que ambas as personagens são testemunhas de um tempo que já não existe mas que alerta a sociedade atual para os perigosos tempos que atravessamos. Um texto vertiginoso, onde o teatro serve de matéria de reflexão à história política dos últimos 50 anos, e onde Eunice Muñoz comemora 70 anos de carreira e presta uma homenagem aos profissionais do teatro.

### São Luiz

Preço: Entre €13 e €17

Data: De 8 a 19 de Fevereiro, de terça a sábado, às 21h e domingo, às 17h30

Encenação: Celso Cleto

Interpretação: Eunice Muñoz e Maria José Paschoal



## Sangue

A peça mais violenta de Shakespeare apresenta-nos um general romano, homem de virtude e bravura, que é vítima de uma sangrenta e maquiavélica campanha de crueldade. A razão? As pessoas que subiram ao poder de Roma, depois de ele próprio o ter recusado, têm agora contas a ajustar com ele. Titus Andronicus deixa de ser Roma a quem servir. A sua pátria tem a cara da vingança e não está interessada no seu valor, na sua honra, nos seus sacrifícios. O rol de atrocidades a que é sujeito leva-o ao ponto em que a sua única saída é vestir a mesma máscara de barbárie que os carrascos da sua desgraça, para depois poder apenas morrer em paz. “Sangue” é um espetáculo sobre a vertigem da violência, sobre a solidão e orfandade dos filhos da pátria, sobre as caras silenciosas que habitam a máscara do poder.

### Teatro Maria Matos

Preço: €12, com desconto €6

Data: De 23 a 26 de Fevereiro, de quinta a domingo, às 21h30

Conceção e encenação: David Pereira Bastos

Interpretação: David Pereira Bastos,

Rui Gato e Miguel Raposo



## Édipo

Esta peça é baseada em Édipo, o mítico Rei de Tebas que, ao cumprir a profecia em que assassina o seu pai e casa com a mãe, faz com que a tragédia se abata sobre a sua cidade e família. Seria mesmo Édipo o marido da sua própria mãe ou filho da sua mulher? E os seus filhos seriam também seus irmãos, filhos da sua mulher ou seria a sua mulher avó dos seus próprios filhos? E ainda, seria Creonte seu tio ou seu cunhado? “Édipo” é um ponto de partida, não um ponto de chegada. Reinventado e sem complexos. A experiência da recriação deste clássico é intuitiva, mas a equipa do Chapitô é perentória em justificarDse com o poder das imagens que este texto lhes sugere. O Édipo chapitoneano tem várias caras e vários corpos. Eles esticaram a tragédia para o absurdo... e o mito ficou virado do avesso.

### Chapitô

Preço: €12, com desconto €7,50

Data: Até 11 de Março, de quinta a domingo, às 22h

Encenação: John Mowat

Interpretação: Jorge Cruz, Marta Cerqueira

e Tiago Viegas



## Rumor

Mais de 30 anos depois de “Tudo Bem”, A Barraca regressa a Mário de Carvalho com “Rumor”, um texto inédito do escritor lisboeta, que nos apresenta, com a sua habitual ironia, uma história cruel passada numa suposta colónia do Império Romano, onde a decadência e a corrupção estão na base de todas as relações e anunciam o fim de um tempo. Ali, um grupo de cidadãos vê-se perseguido pelo medo e, mediante circunstâncias que mudam ou parecem mudar, os seus comportamentos e opiniões tendem a adaptar-se, revelando quanto o carácter humano pode ser volátil e frágil. “Rumor” não apresenta conclusões. É uma peça cínica. Uma comédia para ver com um sorriso permanente nos lábios, mas também com um nó na garganta. Pois em muitos momentos, como acontece quase sempre com a boa comédia, o palco parece-se demais com a plateia.

### A Barraca

Preço: €14,15, com desconto €11,30, às 5ª feiras €5,65

Data: Até 26 de Fevereiro, de quinta a sábado, às 21h30 e domingo, às 16h

Encenação: Maria do Céu Guerra

Interpretação: João D'Avila, Jorge Gomes Ribeiro,

Paula Guedes, Rita Fernandes, Ruben Garcia, Sérgio

Moras e Vânia Naia

## LÁFORA

Se der um salto a Madrid, não perca a exposição de Chagall na Thyssen. Se o destino for França saiba que há uma mostra de Paula Rego em Paris



Calouste Gulbenkian, Delegação de Paris

### Paula Rego

Até 1 de Abril

Paula Rego, que trabalha sobre a memória de uma infância vivida em Portugal, reúne agora, em Paris, trabalhos desenvolvidos entre 1988 e 2010, centrando-se nas obras que mais contribuíram para seu reconhecimento internacional. Paula Rego apresenta-se como uma artista figurativa, que domina os instrumentos técnicos dos grandes mestres para desenvolver uma linguagem plástica que age sobre o seu tempo e interpela o espectador. Os temas atravessam áreas das relações humanas e são filtrados por uma consciência feminina e interventiva: o seu ponto de vista, único e inconfundível.

Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid

### Chagall

De 14 de Fevereiro a 20 de Maio

A primeira retrospectiva, realizada em Espanha, do artista russo Marc Chagall, apresenta mais de 150 obras de coleções particulares e instituições públicas e privadas de todo o mundo. Estarão reunidas no Museu Thyssen-Bornemisza e na Fundação Caja Madrid para rever toda a carreira de um dos principais artistas do século XX. Um criador singular, com um estilo pessoal e marcante, que ocupa um papel fundamental na história da arte. Completamente imperdível!



Museu d'Orsay, Paris

### Akseli Gallen-Kallela

De 7 de Fevereiro a 6 de Maio

Considerado um dos artistas mais emblemáticos da Finlândia, na virada do século XIX e XX, Akseli Gallen-Kallela nunca foi objeto de uma exposição monográfica em França. As ligações com Paris, no entanto, foram estreitas. O artista frequentou a Academia Julian, em 1880, triunfou na Exposição Universal de 1900 e exibiu novamente em Paris, em 1908, antes de embarcar para África, de onde trouxe uma série de pinturas e aquarelas. A sua obra regressa agora à cidade luz numa exposição imponente.

## PORTO

Em fevereiro há espetáculos de Carnaval, teatro, exposições e muito que aprender no Porto. Saiba o que sugere Maria João Duarte

### Música

**COLISEU:** “Guano Apes” (17); “O Gato das Botas de Vasco Negreiros” Orq. Escola Prof. Música V. Castelo (19). **CASA DA MÚSICA:** “Prémio Jovens Músicos /Ante-naz” (7); “Violino ao Rubro” - Paganini pela jovem violinista russa A. Soumm (11); “Vozes de França” - Coro Casa da Música (12); “Retrato Pierre Boulez” - compositor francês da atualidade interpretado pela soprano Yeree Suh (14); “Carnaval dos Animais” uma excelente forma de conhecer os instrumentos da Orquestra Sinfónica do Porto (19); “Sinfonismo Russo” Orq. Sinfónica toca Glazunov, Tchaikovsky e Chostakovitch (24); “Bach Be Cue, primeiros concertos” - releitura divertida do repertório barroco (26); “Sara Tavares” (1 Mar); “Segundo A Paixão” - conto de Andersen em música (4 Mar). **VODAFONE MEXEFEST** (2/3 Mar) 8 espaços no alto da Baixa do Porto recebem muitas bandas (St. Vincent, Hanni El Khatib, Foals, Ladrões do Tempo, Zé Pedro e Tó Trips).

### À descoberta do Porto

**EDIFÍCIO VODAFONE**, entre a Av. Boavista e a R. Correia de Sá é da autoria dos Arq. José A. Barbosa e Pedro Guimarães (2006-9). Foi eleito Edifício do Ano no concurso “2010 ArchDaily Building of the Year Awards”, na categoria Institucional. No mesmo ano foi considerado um dos 20 mais surpreendentes escritórios criativos do mundo pelo site “The Cool Hunter”. É um volume irregular onde predominam losangos justapostos em vãos ou em panos tridimensionais de betão branco, com versatilidade interior dada pela estrutura apoiada em 2 caixas de escadas e 3 pilares centrais.

### Exposições

**BIBLIOTECA MUNICIPAL FLORBELA ESPANCA:** “Do Rato Mickey a Andy Warhol” (até 17 Mar) **CENTRO DE MONITORIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL DE MATOSINHOS:** “O litoral de Matosinhos” (até 14). **FUNDAÇÃO EDP:** “Um Diário da República” - 365 dias de 2010, em Portugal, traduzidos em 365 imagens pelo coletivo Kameraphoto (até 4 Mar). **CASA DE SERRALVES:** “BES REVELAÇÃO 2011” (até 4 Mar).

### Teatro

**T. CARLOS ALBERTO:** “Quem te porá como fruto nas árvores”, dedicado ao poeta Ruy Belo (16 a 26). **MOSTEIRO DE S. BENTO DA VITÓRIA:** “Ovo” de Eric de Sarria: um homem cai e o que resta da sua memória esvai-se no chão (10 a 26). **COLISEU:** “É como diz o outro” - comédia com Bruno Nogueira e Miguel Guilherme (8). **T. NACIONAL S. JOÃO:** “Exactamente Antunes” de Jacinto Lucas Pires (até 12).

### E ainda...

**CURSOS EM SERRALVES:** “Cursos Pop-Ups: Engenharia do Papel”, construção de livros tridimensionais (4 e 5 - 75€ >16 anos). Sabe o que é a PERMACULTURA? Significa “cultura permanente”. É uma filosofia e uma abordagem ao uso do solo que interliga clima, plantas, animais, ciclos de nutrientes, solo, gestão da água e necessidades humanas em comunidades produtivas e eficientes. Se quiser saber mais, vá ao “Curso de Planeamento” (até 25 Mar - 230€).



Este mês José Mendonça escolheu o livro “Quando o diabo reza” e Cátia Teixeira fala-nos de “Para ti, campeão!” Obras que relatam situações tão indesejadas como comuns



Mário de Carvalho

## *Quando o diabo reza*

**Q**uando o diabo reza é o primeiro livro deste ano de Mário de Carvalho. Depois de um livro de contos, “O homem do turbante verde”, com a mudança de editora, o escritor apresenta-nos um romance. É um romance de família onde duas irmãs tentam a todo o custo gerir os bens e os interesses do pai, sem que este tenha qualquer vontade de que isso aconteça. A história gira à volta deste tema. E é um tema que tem muito por onde se pegar. Aborda-se o problema dos idosos, da forma como são tratados, expostos à ganância familiar, que sonha com a herança, e à cobiça dos que fazem da burla e do aproveitamento dos mais frágeis o seu modo de vida. Tudo piora quando, depois de um almoço, o pai fica indisposto e tem de ser internado num hospital. As filhas velam por ele e um advogado do banco só empata tudo. Uma ironia amarga que relata uma realidade, infelizmente bastante presente.



**Quando o diabo reza**

Mário de Carvalho  
Tinta da China, 2011



Ana Maltez

## *Para ti, campeão!*

**C**ancro... Palavra fria, agressiva, medonha. Quem já não a sentiu de perto? Um familiar, um amigo, um colega de trabalho, toda a gente conhece um caso. Neste livro, relata-se isso: um caso. Mas, muito mais do que isso, relata-se um caso de amor, um amor que só se conhece dos romances. Relata-se um caso de amor que só mesmo o cancro para lhe pôr um fim. O que também não é bem verdade. Depois de ler esta estória, não queremos dizer que o cancro pôs fim a este caso. Preferimos dizer que o adormeceu num sono profundo, mais tranquilo, onde o que resta é o sonho de uma história de luta, de revolta, de angústia, de impotência... mas também de alegria, de paixão, de coragem, de entrega... uma história que foi bonita. “Para ti, campeão!” é uma estória de vida, bem real, muito sentida e muito cruel. Demasiado cruel. É daquelas estórias de vida onde uma só pergunta se impõe: porquê?!



**Para ti, campeão!**

Ana Maltez  
Chiado Editora, 2011

Este mês, Gonçalo Wahnnon escreve sobre um livro... diferente. Já Fábio Milhazes relembra-nos um filme bastante conhecido. Eis as suas opiniões

## Um livro da minha vida

GONÇALO WAHNNON



João Bénard da Costa

## Catálogo de cinema

**D**urante muito tempo folheei um livro sem literatura onde vi filmes sem película. É possível? Assim parece. A leitura dessas páginas deram-me imensas alegrias ao ensinarem-me a ver e interpretar o cinema que via, treinando-me o olhar, cultivando-me o gosto e transformando-me, de certo modo, num cinéfilo. Welles, Hitchcock, Wilder, Renoir, Cukor, Ford e tantos outros eram, ali, dissecados, oferecidos de bandeja a leitores vorazes como eu. A versatilidade de um, a ironia de outro, a maestria técnica de um terceiro, o papel do argumento, dum diálogo, ou o pormenor dum plano ou de um travelling que faziam desses realizadores os mestres que efetivamente eram, foram-me dados a ler nesse tal livro sem literatura mas que me ofereceu, em contrapartida, conhecimento e sonho.

A par dos mestres do cinema líamos, também, acerca de atrizes e atores que eram ali escrutinados e biografados; sabíamos os nomes dos argumentistas, dos mestres da luz e da sombra, dos compositores, aderecistas e de todos aqueles que faziam de cada filme um grande filme. Esse livro, que mais não era que um catálogo, convenceu-me de que o cinema americano dos anos 40 foi do melhor que jamais se fez. Foi a semente de muita coisa que hoje vejo nos ecrãs e que ali foi beber mas, talvez, sem a mesma alma. Não havia, então, efeitos especiais, tecnologia de ponta ou programas de computadores sofisticados para produzirem cinema mas, tão-só, muita habilidade e imaginação. Há 70 anos (setenta!) eram apenas essas as ferramentas.

A escrita irrepetível de João Bénard da Costa, barroca, prenhe de superlativos, apaixonada, conhecedora, muito contribuiu para isso. Com ele era impossível ficar indiferente às imagens que via correr ante os meus olhos, no grande auditório da Gulbenkian, às 15, às 18 e às 21 horas num só dia e, muitas vezes, todos os dias. Nunca o preto e branco foi tão colorido...

Entre Outubro e Dezembro de 1979, “Citizen Kane”, “Casablanca” ou “Shadow of a Doubt” tornaram-se nalguns dos meus filmes favoritos e, nesse período, o catálogo iniciador de coisas boas tornou-se num dos livros da minha vida. E ainda o é.

## Um filme da minha vida

FÁBIO MILHAZES



Francis Ford Coppola

## O Padrinho

**R**aramente se pode dizer que um filme define um género, mas nunca isso foi mais verdadeiro do que no caso de “O Padrinho”. Desde o lançamento em 1972, todos os filmes de gangsters têm sido julgados segundo os padrões deste, é simplesmente... a referência (por mais injusto que isso possa parecer). Se um filme é sobre mafiosos judeus, é um “padrinho judeu”, se é sobre o submundo chinês, é um “Godfather Oriental”.

O filme foi baseado no romance best-seller de Mario Puzo, que também co-escreveu o argumento com o realizador, Francis Ford Coppola. Vito Corleone (Marlon Brando) é o padrinho, o Don de uma família de sucesso fortemente unida, cujo negócio é o crime organizado... mas “O Padrinho” não é apenas sobre homens de arma em punho, examina o significado da violência, família, amor, traição e lealdade, apenas para citar alguns.

Ornamentado com mais linhas clássicas do que qualquer outro filme merece ter, a cena de abertura presenteia-nos com a frase mítica da personagem Bonasera “I believe in America”... É o mote para um filme inescrutável, com o dom de resistir ao teste do tempo...que vale a pena ver de novo... e de novo. Repleto de mensagens subjacentes, retrata a imagem de um submundo hipócrita e ganancioso... que se alimenta parasitariamente dos vícios e fraquezas do homem. Hoje, este submundo é, em certa medida, o mundo em que vivemos, onde a mesma ganância origina guerras e crises mundiais de pobreza. O homem insiste em desequilibrar a balança para o seu lado, desrespeitando tudo o que o rodeia...

Pode não ser possível um filme ser perfeito, mas neste caso, certamente chega perto. As atuações, argumento, ritmo, realização e música estão todos a um nível muito, muito alto. O elenco é soberbo, os atores (principais e secundários) encaixam na perfeição em cada personagem, a história progride a um ritmo perfeitamente medido, movendo-se quase delicadamente entre momentos de violência calculada. A fotografia e realização são excepcionais, com uma atenção impecável aos detalhes. Cada aspeto da vida daqueles tempos turbulentos é fielmente recriado com grande precisão. Se o leitor gosta ou não do filme, é impossível não só negar a sua arte, mas também a sua magistralidade e lugar na história do cinema.

“O Padrinho” é um crédito para todos os envolvidos, e uma proposta irrecusável para todos nós...





DESDE 1973 NA VANGUARDA  
DA ENGENHARIA



ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS  
COM O ARQ. TOMÁS REBELO DE ANDRADE  
E O ARQ. JORGE GARCIA SIMÕES

RENAULT DE CHELAS